



NARRATIVAS CÊNICAS JUVENIS: A INICIAÇÃO CIENTÍFICA COMO BASE PARA A CRIAÇÃO DE ESPETÁCULOS ESCOLARES

YOUTH SCENIC NARRATIVES: SCIENTIFIC INITIATION AS A BASIS FOR THE CREATION OF SCHOOL SHOWS

Caio Márcio Rodrigues David¹

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

RESUMO: O presente artigo analisa o processo de criação cênica desenvolvido no âmbito do Núcleo de Iniciação Científica da Escola Estadual Paraisense, entre 2023 e 2024, que resultou na montagem da peça *Cadê Meu Gato?*. O estudo, de abordagem qualitativa e caráter participante, investigou o teatro como metodologia de pesquisa e formação, articulando dimensões estéticas, éticas e pedagógicas no contexto escolar. As etapas envolveram rodas de conversa, oficinas teatrais, escrita dramatúrgica coletiva, ensaios e apresentação pública. Fundamentado em autores como Paulo Freire, Augusto Boal, Maria Lúcia Pupo, Thereza Rocha Ferreira e Jacques Rancière, o trabalho compreende o teatro como linguagem de emancipação e instrumento de construção de conhecimento. Os resultados evidenciam que a prática teatral, quando vivenciada como processo investigativo, promove o protagonismo juvenil, o fortalecimento da identidade, a autonomia criadora e o sentimento de pertencimento. Conclui-se que o teatro na escola, ao integrar arte e pesquisa, potencializa a formação ética e estética dos estudantes, reafirmando o papel da arte como experiência formadora e transformadora.

Palavras-chave: Teatro escolar. Iniciação científica. Formação estética. Emancipação. Educação básica.

ABSTRACT: This article analyzes the process of scenic creation developed within the Scientific Initiation Program at Escola Estadual Paraisense between 2023 and 2024, which culminated in the play *Cadê Meu Gato?* ("Where Is My Cat?"). The study, based on a qualitative and participatory approach, investigated theater as a methodology of research and formation, articulating aesthetic, ethical, and pedagogical dimensions within the school context. The process included discussion circles, theater workshops, collective playwriting, rehearsals, and a public performance. Grounded in theoretical perspectives by Paulo Freire, Augusto Boal, Maria Lúcia Pupo, Thereza Rocha Ferreira, and Jacques Rancière, the research understands theater as a language of emancipation and a tool for knowledge construction. The results demonstrate that theatrical practice, when experienced as an investigative process, fosters youth protagonism, creative autonomy, identity building, and a sense of belonging. It is concluded that theater in schools, by integrating art and research, enhances students' ethical and aesthetic education, reaffirming art as a formative and transformative human experience.

¹ Professor de Educação Básica do conteúdo de Arte. Exerce suas atividades profissionais na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais na unidade de ensino: Escola Estadual Paraisense, sediada em São Sebastião do Paraíso – MG. Mestre em Artes pelo PROFARTES da Universidade Federal de Uberlândia. <http://lattes.cnpq.br/4968585831401897> <https://orcid.org/0000-0002-5600-4751>



Keywords: School theater. Scientific initiation. Aesthetic formation. Emancipation. Basic education.

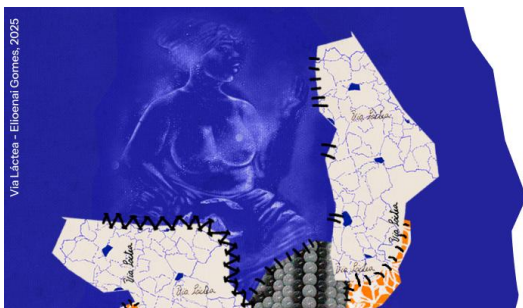
1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discute o processo de criação cênica desenvolvido no âmbito do Núcleo de Iniciação Científica da Escola Estadual Paraisense, entre os anos de 2023 e 2024. O projeto teve como foco investigar o teatro como metodologia de pesquisa e formação, articulando arte, ciência e educação em um percurso coletivo de descoberta e experimentação. A partir das vivências dos estudantes e da mediação do professor-pesquisador, buscou-se compreender como o fazer teatral pode se constituir em prática de conhecimento, autoria e transformação no contexto escolar.

A pesquisa, de natureza qualitativa e participante, configurou-se como um espaço de investigação estética e ética, em que o teatro foi entendido não apenas como conteúdo, mas como linguagem e forma de pensamento. O trabalho envolveu etapas de rodas de conversa, oficinas teatrais, escrita dramatúrgica coletiva, ensaios, montagem e apresentação pública, resultando na criação da peça *Cadê Meu Gato?*. Todo o percurso foi atravessado por uma pedagogia da escuta e da colaboração, sustentada em uma perspectiva dialógica e crítica de educação.

O estudo fundamenta-se em referenciais teóricos que compreendem o teatro como prática emancipadora e instrumento de reflexão sobre o mundo. Paulo Freire (1996) e Augusto Boal (1979) oferecem a base para a compreensão do teatro como experiência libertadora e formadora de consciência crítica. Maria Lúcia Pupo (2008) e Thereza Rocha Ferreira (2014) contribuem para pensar o teatro escolar como campo de autoria e criação de sentidos. Já Jacques Rancière (2010) amplia a discussão sobre a emancipação estética e intelectual dos sujeitos, dialogando com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que reconhece a arte como área essencial para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da cidadania.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar o processo artístico-pedagógico desenvolvido no Núcleo de Iniciação Científica, enfatizando as dimensões formativas do teatro na escola. O texto se organiza em três partes: a metodologia, que apresenta o percurso e os procedimentos da pesquisa; o



desenvolvimento e a discussão dos resultados, que analisam as experiências de criação e seus desdobramentos; e, por fim, as considerações finais, que refletem sobre o papel do teatro como prática emancipadora e ferramenta de produção de conhecimento no contexto da educação básica.

2. METODOLOGIA

A investigação aqui apresentada insere-se no campo da pesquisa qualitativa, de caráter participante (MINAYO, 2001), orientada pelos princípios da pesquisa em arte (BARBIER, 2002; HERNÁNDEZ, 2013). Mais do que aplicar técnicas, tratou-se de construir um modo de pesquisar em que o teatro se configurou simultaneamente como linguagem e método, permitindo que os próprios sujeitos do processo – estudantes e professor – fossem, ao mesmo tempo, criadores e pesquisadores.

Os encontros do Núcleo de Iniciação Científica ocorreram semanalmente entre 2023 e 2024, com duração média de uma hora e meia. O grupo, composto por estudantes do ensino fundamental com idades entre 13 e 15 anos, passou por etapas que envolveram rodas de conversa, oficinas teatrais, escrita dramatúrgica coletiva, ensaios, montagem cênica e registro do processo. O percurso metodológico foi, portanto, processual, aberto e relacional, compreendendo a criação artística como forma de investigação e de autoria.

2.1. RODAS DE CONVERSA: A ESCUTA COMO PONTO DE PARTIDA

A primeira etapa metodológica consistiu em rodas de conversa. A inicial teve como tema “*Como o teatro modifica a vida dos estudantes?*”, proposta pelo professor-pesquisador como ponto de partida para as demais. Nessa conversa inaugural, os estudantes refletiram sobre os modos pelos quais o teatro poderia transformar suas relações, suas formas de expressão e sua confiança em se apresentar diante dos outros. Comentaram como se sentiam mais à vontade em atividades que envolviam o corpo e a oralidade, e reconheceram o valor das experiências teatrais no contexto das disciplinas escolares.



Essas rodas de conversa revelaram um desejo coletivo: promover o teatro dentro da escola de múltiplas maneiras, não apenas como espetáculo, mas como espaço de convivência e aprendizado.

O jogo teatral não é apenas um recurso pedagógico, mas uma forma de conhecimento que se faz pela experiência. Ao jogar, o estudante experimenta o mundo e a si mesmo; transforma-se enquanto cria, cria enquanto transforma-se. O jogo é um campo de pesquisa estética e ética, onde o fazer e o pensar caminham juntos. (KOUDELA, 2011, p. 42)

Assim, as rodas de conversa funcionaram como espelho e semente: ali o grupo começou a delinear o sentido do teatro como prática de investigação, onde as ideias se misturavam às emoções e à vontade de agir.

2.2. OFICINAS TEATRAIS: O CORPO COMO TERRITÓRIO DE PESQUISA

Em seguida, foram realizadas oficinas teatrais, desenvolvidas em 2023 e 2024, intituladas “Introdução à Linguagem Teatral” e “Improvisação Teatral”, ambas ofertadas aos alunos do 8º e 9º anos. Cada oficina aconteceu em um único dia, teve duração média de quatro horas e reuniu estudantes com níveis variados de familiaridade com o teatro.

Essas oficinas representaram um verdadeiro laboratório de descobertas, em que o corpo foi reconhecido como instrumento de pesquisa e de expressão. Muitos alunos nunca haviam experimentado a prática teatral e, ao final, demonstraram encantamento ao perceber o teatro como uma atividade humana essencial, capaz de gerar bem-estar, empatia e senso de pertencimento.

O fazer teatral, nesse contexto, não se limitou a ensaiar técnicas, mas constituiu um processo performativo de investigação.

O acontecimento teatral é, em si, um processo de transformação. A performance não apenas representa, mas produz realidades. Nela, os participantes experimentam a si mesmos como sujeitos de ação e reflexão. Essa experiência estética é também uma experiência de conhecimento: o



corpo torna-se o lugar onde o saber acontece. (FISCHER-LICHTE 2011, p. 89)

Dessa forma, as oficinas se configuraram como um momento de mergulho no processo artístico-pedagógico, em que a estética e a ética se entrelaçaram em cada gesto, em cada tentativa, em cada descoberta.

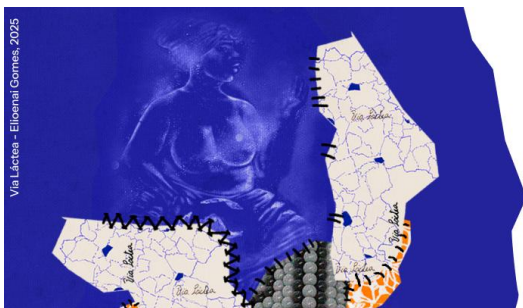
2.3. ESCRITA DRAMATÚRGICA COLETIVA: A PALAVRA COMO CRIAÇÃO COMPARTILHADA

A terceira etapa envolveu a escrita coletiva da dramaturgia, que resultou na peça *Cadê Meu Gato?*. A escrita aconteceu de modo colaborativo: cada estudante, com seu notebook, acessava um documento compartilhado no Google Drive, onde as ideias eram inseridas, debatidas e reformuladas em tempo real. O grupo, orientado pelo professor, estruturou primeiramente os personagens centrais, o enredo e as situações dramáticas de cada cena. Em seguida, as falas foram sendo criadas, alteradas e complementadas por todos, como uma verdadeira colaboração dramatúrgica.

Esse processo de escrita conjunta foi rico não apenas do ponto de vista artístico, mas também investigativo, pois permitiu observar como o pensamento coletivo se organiza e se reinventa pela linguagem teatral. As vozes dos estudantes se cruzavam e se multiplicavam, revelando o poder da palavra quando partilhada. A BNCC reconhece a importância dessa prática ao afirmar:

A criação em teatro na escola tem como foco o trabalho coletivo, o desenvolvimento da autoria e a ampliação da sensibilidade estética e ética dos estudantes. O processo de criação teatral estimula a reflexão crítica sobre o mundo, o exercício da imaginação e o diálogo entre diferentes linguagens e sujeitos. (BNCC, 2017, p. 199)

Assim, a escrita dramatúrgica se tornou um exercício de autoria compartilhada, de negociação simbólica e de escuta criadora.



2.4. ENSAIOS E MONTAGEM: O GESTO COMO SÍNTESE DO APRENDIZADO

Os ensaios constituíram um dos momentos mais significativos do processo. É no ensaio que o teatro se concretiza, que o pensamento se transforma em corpo e voz. Muitas vezes, o ensaio revelou-se mais potente que a própria apresentação, pois foi nele que as ideias tomaram forma, os conflitos surgiram e as descobertas se tornaram visíveis.

Durante os ensaios, surgiram perguntas que atravessaram o grupo: *“será que o público vai rir?”*, *“será que vão entender a metáfora do gato?”* Essas dúvidas revelavam o amadurecimento estético e a consciência crítica dos estudantes. Paralelamente, o grupo começou a construir os elementos de cenário e figurino, definindo espacialidades, posições e composições visuais.

As decisões estéticas e éticas foram tomadas coletivamente, orientadas por princípios de horizontalidade, respeito e sensibilidade. A simplicidade dos figurinos e o uso de elementos cotidianos no cenário expressaram uma estética do essencial, coerente com a ética da partilha que sustentou o projeto.

2.5. REGISTROS E ANÁLISE DOS PROCESSOS: O TEATRO COMO ARQUIVO VIVO

Os registros do percurso foram fundamentais para a compreensão da experiência. Cada participante mantinha uma pasta individual no Google Drive, onde escrevia reflexões, sensações e descrições sobre o processo. Além disso, o professor-pesquisador elaborou diários de campo, e houve registro audiovisual (fotografias, vídeos e roteiros).

Esses materiais serviram não apenas como documentação, mas como ferramenta de análise. As anotações foram lidas e discutidas coletivamente, permitindo observar transformações na postura, na linguagem e na forma como os estudantes se viam enquanto criadores. O método de análise foi interpretativo e reflexivo, buscando cruzar falas, ações e percepções em torno da experiência vivida.



O professor-pesquisador assumiu papel duplo: mediador das ações e analista do processo. Essa posição implicou um constante exercício de escuta, registro e devolutiva, articulando o fazer docente e o fazer artístico como práticas de investigação.

Em síntese, a metodologia adotada compreende o teatro como forma de pesquisa e de pensamento. O conhecimento produzido emergiu da prática, no diálogo entre corpo e palavra, arte e vida. Mais do que descrever um caminho, buscou-se viver uma metodologia viva, em que o teatro foi simultaneamente objeto, meio e linguagem da pesquisa — uma travessia sensível, ética e transformadora.

3. DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

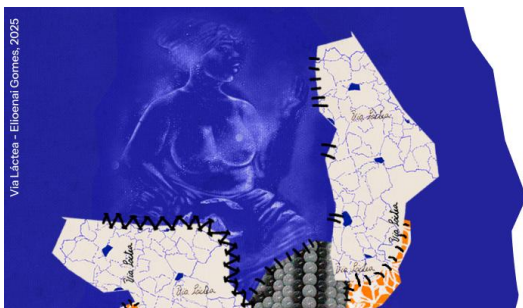
3.1. A ESCOLA EM TRANSFORMAÇÃO: O IMPACTO DO NÚCLEO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O Núcleo de Iniciação Científica da Escola Estadual Paraisense transformou, de forma visível e simbólica, o cotidiano da instituição. O grupo de estudantes, que no início se mostrava tímido e acanhado, foi ganhando voz, confiança e protagonismo. Aos poucos, tornou-se uma referência dentro da escola, não apenas pelo trabalho desenvolvido, mas também pela postura participativa e pelo entusiasmo com que se engajavam em cada etapa do processo.

Os alunos do núcleo eram facilmente reconhecidos: vestiam o uniforme branco e vermelho, símbolo da identidade do grupo. Quando chegavam às salas para divulgar as atividades, todos sabiam quem eram e o que vinham anunciar. Esse reconhecimento produziu um sentimento de pertencimento e orgulho — era como se a escola inteira passasse a enxergar o teatro e a iniciação científica como parte viva de sua rotina.

Como afirma Paulo Freire:

A escola deve ser o lugar da alegria, do encontro e da invenção. Ensinar e aprender não podem ocorrer fora da busca pela liberdade, da curiosidade e do encantamento com o mundo. Educar é permitir que o outro descubra, por si, o poder de dizer e de transformar. (FREIRE, 1996, p. 45)



Essa alegria freireana esteve presente em cada gesto do grupo. O teatro não entrou apenas como linguagem artística, mas como prática de liberdade, como convite à transformação. O Núcleo, antes uma proposta, tornou-se um movimento.

3.2. AS RODAS DE CONVERSA: O TEATRO COMO ESCUTA E INVESTIGAÇÃO

As rodas de conversa foram o ponto de partida e também o coração metodológico do projeto. A primeira delas, com o tema “*Como o teatro modifica a vida dos estudantes?*”, foi proposta pelo professor-pesquisador e acabou definindo o rumo de todas as outras.

Nessa conversa inaugural, os alunos expressaram o que acreditavam ser a força transformadora do teatro: a melhora na fala em público, a segurança para se apresentar em trabalhos, a empatia e a alegria ao vivenciar atividades artísticas na escola. Disseram que adoravam quando professores utilizavam o teatro nas aulas e destacaram como se sentiam mais motivados e criativos nessas ocasiões.

Foi nessas rodas que surgiram as primeiras ideias sobre o que os alunos da escola gostariam de fazer e assistir. A partir disso, o grupo leu e debateu diversas peças — de Shakespeare a autores contemporâneos — até decidir que não encenaria um texto já existente. A criação seria autoral e coletiva, nascida das próprias inquietações e experiências dos estudantes.

Segundo Maria Lúcia Pupo:

O teatro na escola é o lugar da escuta. Nele, o estudante se torna sujeito do próprio processo criativo, reconhecendo-se como autor e interlocutor. A cena é o espaço onde a palavra do aluno adquire corpo e sentido, e o cotidiano escolar se converte em matéria poética. (PUPO, 2008, p. 39)

Assim, as rodas de conversa não foram apenas trocas de ideias, mas momentos de pesquisa – espaços de escuta ativa, de reflexão sobre o cotidiano e de descoberta da potência do teatro como modo de conhecer o mundo.



3.3. OFICINAS TEATRAIS: O CORPO E O PERTENCIMENTO

As oficinas teatrais, realizadas entre 2023 e 2024, funcionaram como um verdadeiro laboratório de descobertas. Mais do que espaços de aprendizado técnico, elas se tornaram lugares de pertencimento e experimentação sensível.

Foram ofertadas duas oficinas com duração média de quatro horas. Nelas, estudantes do 8º e 9º anos se permitiram explorar o jogo, a improvisação, o gesto, a voz e o olhar. Para muitos, foi o primeiro contato com o teatro; para outros, a confirmação de uma paixão.

As experiências práticas se materializaram nas oficinas teatrais desenvolvidas: Introdução ao Teatro e Improvisação Teatral. A primeira teve como objetivo apresentar aos estudantes os fundamentos da linguagem cênica e suas múltiplas vertentes de composição. Foram abordados aspectos da história do teatro no Brasil e no mundo, técnicas de interpretação baseadas em teóricos fundamentais como Stanislavski, Brecht e Spolin, além de noções de cenografia, iluminação e figurino — sempre de modo experimental e colaborativo. Essa oficina proporcionou aos alunos um primeiro contato com a dimensão estética do fazer teatral, despertando curiosidade, sensibilidade e consciência de que a arte é também forma de pensamento.

A segunda oficina, Improvisação Teatral, inseriu os participantes no universo da criação instantânea, estimulando a imaginação, o jogo e a escuta entre pares. A prática da IMPRO foi explorada de maneira leve e divertida, por meio de exercícios em que teoria e prática se entrelaçavam. Cada jogo tornou-se um exercício de liberdade, em que o erro era entendido como parte do aprendizado e o improviso como ensaio da vida. Como lembra Paulo Freire (1996), a educação verdadeira é aquela que desperta a curiosidade, que faz pensar e criar, que transforma o sujeito em autor do próprio caminho. Nesse sentido, ambas as oficinas consolidaram o teatro como espaço de investigação e pertencimento, onde corpo, palavra e imaginação se uniram para construir conhecimento e vínculos humanos.

O ambiente das oficinas era marcado pela confiança e pela curiosidade. Riam dos erros, comemoravam os acertos e aprendiam, juntos, o que significa “estar em cena”. Como define Augusto Boal (1979, p. 126):



Todos os seres humanos são atores porque atuam, e espectadores porque observam. Somos todos espect-atores. A prática do teatro não pertence a uma elite, mas a todos os seres humanos. E quanto mais profundamente se expressa o ser humano, mais teatro ele produz. (BOAL, 1979, p. 126)

A fala de Boal traduz o espírito das oficinas: todos podem fazer teatro, e o teatro é um exercício de humanidade. As oficinas possibilitaram a vivência do corpo como território de criação e de escuta, preparando o grupo para a próxima etapa: a escrita da dramaturgia.

3.4. A DRAMATURGIA: A PALAVRA COMPARTILHADA

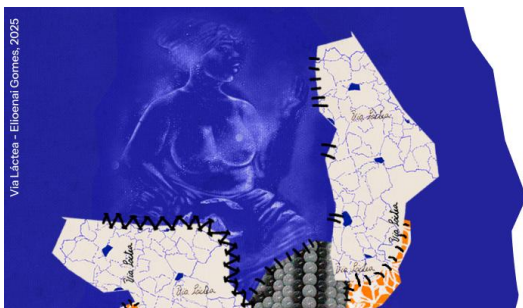
A escrita da peça “*Cadê Meu Gato?*” surgiu naturalmente do desejo de criar algo que dialogasse com os estudantes da escola. Depois de lerem diversas obras de comédia e drama, o grupo concluiu que a peça mais significativa seria aquela escrita por eles mesmos – uma que refletisse suas vivências e linguagens.

Inicialmente, a obra se chamaria *Sumiço no Condomínio*, mas, com o amadurecimento do processo, os alunos perceberam que o título *Cadê Meu Gato?* traduzia melhor o sentido simbólico da narrativa. A metáfora do gato perdido atravessou a dramaturgia como imagem poética de identidade, pertencimento e descoberta.

Durante o processo, todos participavam da escrita em um documento compartilhado no Google Drive. Cada estudante contribuía com ideias, diálogos e ajustes. Assim, a dramaturgia se configurou como uma escrita de muitas mãos, viva, oral e afetiva.

A dramaturgia escolar não é apenas invenção, mas escavação. O que se escreve na escola são rastros de subjetividades, gestos, memórias e histórias que circulam e, muitas vezes, passam despercebidos. Quando o teatro entra em cena, ele ilumina essas camadas e as devolve em forma de poética. (FERREIRA, 2014, p. 94)

A escrita coletiva foi, portanto, um ato de escavação simbólica — um modo de transformar a experiência em arte e a arte em conhecimento.



3.5. O ENSAIO E A MONTAGEM: O GESTO DA DESCOBERTA

O processo de ensaio e montagem foi uma extensão natural da pesquisa. Entre junho e setembro de 2024, os alunos se organizaram de forma colaborativa: alguns atuaram, outros assumiram a direção, a sonoplastia, o figurino, o cenário e a divulgação.

Os ensaios se tornaram um território de aprendizado ético e estético. Surgiam dúvidas “*será que o público vai gostar?*”, mas também descobertas “*a gente achou o jeito certo dessa cena!*”. Muitos estudantes destacaram que o ensaio era mais prazeroso que a apresentação, pois ali podiam errar, refazer e se reconhecer uns nos outros.

O trabalho coletivo fortaleceu laços e promoveu uma verdadeira escola de valores. Os alunos aprenderam sobre respeito, solidariedade, responsabilidade e empatia. Como sintetiza Jacques Rancière:

A emancipação do espectador não consiste em fazê-lo agir, mas em reconhecer sua capacidade de olhar e pensar. O teatro é o lugar onde todos aprendem e ensinam, observam e são observados. O saber circula entre os corpos, e é nesse movimento que nasce a igualdade. (RANCIÈRE, 2010, p. 25)

Os ensaios foram isso: uma escola de igualdade, em que cada gesto contava, cada olhar era aprendizado e cada cena era uma forma de pensar o mundo.

3.6. A APRESENTAÇÃO E OS EFEITOS FORMATIVOS

A culminância do processo aconteceu na Semana de Educação para a Vida, em novembro de 2024, com a estreia de *Cadê Meu Gato?*. A apresentação foi um acontecimento marcante para a escola: mais de 900 estudantes, do 6º ao 9º ano, assistiram à peça. Para muitos, especialmente os mais novos, foi a primeira experiência assistindo a um espetáculo teatral.



A reação foi de euforia e encantamento. Riram, se emocionaram, reconheceram suas próprias vivências nos personagens. Professores e funcionários destacaram a importância da peça como momento de integração e de orgulho escolar.

O impacto foi tão grande que o Núcleo passou a ser reconhecido como parte da escola. O teatro, antes visto como atividade extracurricular, tornou-se parte do cotidiano pedagógico, inspirando outras turmas e professores a experimentarem linguagens artísticas.

Como lembra Paulo Freire (1996) quando a educação deixa de ser um ato de depósito e passa a ser um ato de criação, o conhecimento ganha corpo, o sujeito se torna autor, e o mundo se revela como território de possibilidades.

Foi exatamente isso que aconteceu na Escola Estadual Paraisense: o conhecimento ganhou corpo, o corpo se fez voz, e a voz se tornou cena. O teatro deixou rastros de transformação — nos alunos, nos professores e na própria cultura escolar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na Escola Estadual Paraisense por meio do Núcleo de Iniciação Científica evidenciou que o teatro, quando inserido como metodologia de pesquisa, transforma o ambiente escolar e as formas de aprender. A peça *Cadê Meu Gato?* mostrou que o fazer teatral ultrapassa o espetáculo e se torna campo de produção de conhecimento sensível e crítico.

Ao longo do processo, o teatro foi vivido como experiência de autoria, pertencimento e escuta. As rodas de conversa, as oficinas e a escrita dramatúrgica coletiva permitiram que os estudantes transformassem suas vivências em linguagem cênica, fortalecendo o protagonismo juvenil e a aprendizagem colaborativa.

Nesse sentido, o teatro confirmou-se como prática pedagógica capaz de articular o saber e o sentir, o individual e o coletivo. Como defende Paulo Freire (1996), ensinar é criar possibilidades de construção do conhecimento — e, ao permitir a criação, a escola também aprende. Do mesmo modo, Augusto Boal (1979)



compreende o teatro como ensaio da transformação, onde cada gesto revela a potência de mudança do sujeito.

Em consonância com a BNCC (2017) e autores como Maria Lúcia Pupo (2008) e Jacques Rancière (2010), conclui-se que o teatro escolar é espaço de invenção e emancipação, em que todos têm direito à palavra, à imaginação e à escuta. O Núcleo consolidou-se, assim, como um projeto que une arte, pesquisa e educação, reafirmando o teatro como metodologia de formação integral e transformação social.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Brasília: Plano, 2002.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

FERREIRA, Thereza Rocha. Dramaturgia escolar: cena e escrita no chão da escola. In: MACHADO, Roni Cleber Dias (org.). *Pedagogia do teatro: cena e escrita na escola*. Campinas: Papirus, 2014. p. 89-101.

FISCHER-LICHTE, Erika. *Estética do performativo*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Pesquisa baseada em artes visuais*. Porto Alegre: Penso, 2013.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Teatro como mediação estética*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. *Programa ICEB – Iniciação Científica na Educação Básica*. Belo Horizonte: SEE/MG, [2023?]. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em: 22 jul. 2025.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2001.

PUPO, Maria Lúcia. *O teatro na escola: experiências e reflexões*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.